

Desenho Infantil: A Representação do Sentimento¹

Adalvo da Paixão Antonio Costa²

“Não posso falar o que estou sentindo, porque você não vai entender”. É comum ouvir isso de crianças, que às vezes são solicitadas a contar o que está se passando com elas, quando aparentam tristeza ou têm atitudes agressivas em casa ou na escola. Externar sentimentos oralmente é difícil e às vezes não alcança a compreensão esperada, devido ao reduzido vocabulário ou ao receio de contar o que é um segredo tão íntimo.

Entretanto, se são convidadas a desenhar, não limitam sua narrativa através dos traços e cores. A superfície do papel torna-se cúmplice e deixa-se cobrir com imagens espontâneas e sinceras. “Falar” fica mais fácil sem a emissão de palavras. O registro pelo desenho não teme represálias, a necessidade de expressar ignora as conseqüências, pois é o suporte que mostra as imagens, assim como é a boca que narra os fatos. E estando o suporte separado do corpo, é melhor que ele conte a história e isso, de certa forma, exime o desenhista de maiores responsabilidades.

Ao desenhar, a criança exterioriza suas alegrias, suas dores, superando os traumas numa espécie de grito gráfico, desabafando angústias que sua realidade lhe impõe. Uma realidade individual que às vezes bate muito forte e deixa cicatrizes bem profundas. Palavras não bastam, quando o assunto é muito sério. “Quem sabe as coisas são assim neste mundo que quando a gente quer vagamente dizer algo, é fácil falar, mas quando quer muito fica difícil” (KORCZAK, 1980, p. 20). Principalmente no mundo das crianças, onde é grande a dependência do adulto, na família ou na escola. Adultos que nem sempre alcançam o nível de seus sentimentos.

A liberdade experimentada por meio do desenho eleva e enleva o pequeno ser, que se compenetra e busca as imagens nos íntimos segredos. Confronta-se consigo mesmo e se compreende, em cada traço, em cada cor impressa, nessa aventura silenciosa e estimulante. Segundo Mèredieu (1991, p. 78), “encenação do trauma o desenho provoca a revivescência dos velhos afetos: a criança pode deste modo exprimir suas fantasias, jogando com elas gráfica e picturalmente, tendo a cor muitas vezes uma função importante, pois ela vivifica personagens e objetivos”.

Diferente de brincar em grupo, ao desenhar sozinha, a criança fica mais compenetrada, pode ou não dialogar com as personagens que vão surgindo em seu trabalho. Sua história vai sendo contada, através da busca de soluções para as muitas perguntas guardadas e que não foram nem mesmo externadas, por receio de não encontrar a aceitação e paciência em seus interlocutores. De acordo com Salvador (1988, p. 37),

Através da criação gráfica o sujeito exprime os seus sentimentos. Mas há algo mais, dá uma resposta que lhe permite dominar uma situação difícil e

não ficar submetido a ela. Serve-lhe para criar situações e, a partir daí, ao elaborá-los, aprende a dominá-las. Ao reproduzir uma situação importante, de conflito, poderá vencer progressivamente a angústia e a ansiedade que lhe são próprios, procurando soluções até encontrar a mais adequada.

E a cada solução encontrada, o caminho é mais bem sedimentado, para que os futuros obstáculos sejam superados sem maiores esforços. O caminho torna-se mais seguro, o medo dá lugar ao desejo de acertar, de soltar-se com a segurança dos vencedores. As imagens impressas não causam só prazer, enquanto atividade lúdica e agradável, mas tornam-se um manifesto de crítica ao sistema opressor.

A criança e a Família

Com mais ou menos um ano e meio de idade, a criança inicia sua rabiscagem. Todos os suportes encontrados lhe são úteis para imprimir sua marca. Traços fortes e vigorosos serão registrados em paredes, portas, móveis, etc., se não lhe for oferecido material adequado às suas atividades. O ato de rabiscar é uma necessidade da criança que, segundo Mèredieu (1991), "efetuado de início pelo simples prazer do gesto o rabisco é antes de tudo motor. Só depois é que a criança notando que seu gesto produziu um traço tornará a fazê-lo, desta vez pelo prazer do efeito" (p.25). E, enquanto rabisca, a criança evolui, seu corpo se movimenta e junto com seu traço passa por fases distintas da rabiscagem.

Mas, há famílias que, por não compreenderem a importância da rabiscagem para o desenvolvimento da criança, impedem-na de exercitar-se nos suportes que tem à mão e nem lhe oferecem materiais apropriados para tal. Pernetta (1988) afirma que só quem goza de liberdade nas etapas decisivas de seu desenvolvimento psicológico adquire autoconfiança e respeito pela liberdade de seus semelhantes. E torna-se um indivíduo seguro e aberto, cheio de vida, em condições de estabelecer fortes laços espirituais com outras pessoas. Apto a ajustar-se depressa às mudanças oportunas, e capaz de aceitar o advento de um mundo diferente, encaminhado para a paz, a fraternidade e a justiça social.

As primeiras manifestações gráficas da criança são também sua primeira forma de escrita. E ela registra por pura necessidade, natural da fase em que está. Entretanto, muitas vezes é bruscamente impedida pelo adulto impositor de normas, que limita sua expressão. "Esse receio de dar liberdade à criança deriva do preconceito de que assim ela se acostumaria a desobedecer às regras de comportamento, fazendo-se intolerável, petulante e agressiva" (PERNETTA, 1998, p. 41). Sendo o desenho uma forma de entender-se, entender o outro, seu meio social físico e afetivo, quando reprimido, com ele é também reprimido um meio de expressão. O ato de desenhar proporciona à criança a oportunidade de se desenvolver emocionalmente, e seu envolvimento com o trabalho deixa transparecer o prazer experimentado, enquanto registra suas emoções graficamente.

De acordo com Lerner (1988), o desejo da criança de se bastar, muitas vezes, é sentido como rebeldia e desobediência, embora represente um passo importante no sentido de seu desenvolvimento. Também a atitude de protesto é necessária, faz parte do crescimento normal. Ao se refugiar em seu desenho, a criança quer ser ela mesma, sem ter que fazer o que o adulto determina. "Um dos preceitos básicos da educação é favorecer a independência progressiva da criança em todos os seus atos, retirando gradativamente o auxílio do adulto" (PERNETTA, 1988, p. 43). Ainda, segundo Lerner (1988, p. 92), "a criança deve ser preparada para resolver por si seus próprios transtornos, sem esperar que outros apresentem soluções. Pais excessivamente possessivos impedem a criança de adquirir a prática necessária para ser independente".

Deixar que o desenho da criança flua normalmente é deixar que ela se desenvolva harmoniosamente com o seu meio.

O relacionamento da criança com seus familiares é retratado em seus desenhos. O carinho recebido ou a falta deste é mostrado de maneira clara e emocionante. O sentimento, em forma de símbolos, aparece em cada traço, em cada cor escolhida. O prazer em retratar um ente querido faz surgir desenhos alegres, às vezes envoltos em corações, mostrando a segurança da criança em relação aos seus, numa sincera declaração de amor.

As crianças nos falam, em sua linguagem pictórica, como se sentem acerca de si mesmas e das influências determinantes em suas vidas: como necessitam de seus pais. Elas também comunicam que precisam de seus irmãos; que irmãos e irmãs devem permanecer juntos (DI LEO, 1985, p. 202).

Quando está zangada, sentida com alguém de sua família, ela o omite de seu desenho, ou o desenha "feio". Pais ou responsáveis que batem ou brigam muito com a criança costumam ser retratados como demônios ou seres maus, personagens de filmes e histórias em quadrinhos. Esses personagens aparecem enormes, subjugando os pequenos, impondo sua autoridade, sua força (física e moral) coercitiva, para conseguir obediência. Segundo Mussen (apud BARROS, 1993, p. 58),

Afetividade, apoio e cuidados dos pais são antecedentes decisivos para a maturidade, a independência, a competência, a autoconfiança e a responsabilidade das crianças. No entanto, o amor e o apoio não são suficientes para assegurar o desenvolvimento de tais características. Impõem-se outros requisitos, tais como: comunicação adequada entre pais e filhos; uso da razão e não do castigo para conseguir obediência; respeito dos pais e filhos pela autonomia das crianças; estímulo à independência, individualidade e responsabilidade; controle relativamente firme e elevadas exigências para comportamento maduro. Em resumo interações severas - mas não a disciplina cega e autoritária - facilitam o desenvolvimento de comportamento pessoal e social maduro.

Muitas crianças têm, só no desenho, a liberdade para exteriorizar, "falar" de seus conflitos, comunicar seus pensamentos, opiniões, críticas do seu cotidiano. Cenas de ciúmes são apresentadas, quando sentem que seu espaço está sendo ameaçado. Para Salvador (1988),

pelo desenho, a criança põe em jogo os seus sentimentos, os desejos, as suas emoções positivas e negativas, dá-lhes saída e as elabora. Alivia-se de tensões, descarrega sua agressividade, o seu amor e o seu ódio de uma forma especialmente útil e saudável: sem causar dano a ninguém, de maneira que o resultado não é frustração ou o sentimento de culpa. E Cobo (apud SALVADOR, 1988, p. 14) afirma que, "nos momentos difíceis da sua vida, a criança evade-se para um mundo imaginário em que ninguém a impedirá de realizar os seus desejos. As manifestações visíveis desta fuga são os sonhos, os contos, os jogos e os desenhos".

É necessário que esta comunicação encontre interlocutores, senão se converterá em monólogo, e é tarefa do adulto compreender e responder ao que a criança comunica com seus desenhos, para que possa assim também compreendê-la.

A criança e a Escola

Nem sempre os educadores têm compreensão das fases do grafismo por que passa a criança. Desenhos mimeografados são dados, para colorir, a crianças em tenra idade, que ainda garatujam, a título de exercícios de coordenação motora.

O prazer do desenho esbarra no dever de fazer o que lhe é imposto, a voz é calada, para prevalecer a do educador, o formador de consciência. Mas, "as personalidades são distintas, distintos os estilos, as motivações e o valor das coisas" (BRAGA, 1974, p. 99).

Pessoas diferentes não vivem a mesma vida, não sentem as mesmas emoções.

A responsabilidade é aprendida com a experiência de ser responsável. E, se a criança manifesta o interesse de fazer alguma coisa por si mesma, é preciso animá-la e não desencorajá-la. A iniciativa deve ser vista como virtude, não como rebeldia. E quando a criança se propõe a desenvolver uma atividade que não lhe foi solicitada, mas que é pertinente aos conteúdos educacionais, nem sempre é interpretada adequadamente pelos seus orientadores, que encaram isso como desobediência, principalmente quando se trata de atividades artísticas, que não são consideradas conteúdos sérios em determinadas escolas.

O despreparo de professores e os programas recheados de conteúdos, considerados de maior importância, relegam o desenho aos momentos de folga. Após as provas, nos finais de aula em que a matéria já foi toda trabalhada, faz-se um desenho livre, para passar o tempo e descansar o professor. Para Derdyk (1989, p. 18),

[...] os sistemas educacionais, por força das circunstâncias, estão mais voltados para a educação técnica e profissionalizante. Esta postura inibe o ato perceptivo, condicionando-o a uma visão temporal e histórica, não percebem que a criança enquanto desenha, canta, dança, conta histórias, teatraliza, imagina, ou até silencia [...] O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal do imaginário.

Para Cardoso e Valsassina (1988, p. 48), "a arte infantil, e sobretudo o desenho, pode ser um tradutor da evolução ou maturação das aptidões intelectuais, perceptivas e motoras".

A alegria na escola acontece, quando possibilita alegria aos seus usuários, ou seja, aos alunos. Por meio da arte, de atividades lúdicas, isso é possível.

A criança é um ser essencialmente lúdico, que necessita manifestar-se diante da vida, revelar para os outros e para si a alegria natural de ser criança. Lowenfeld (1977, p. 19) lembra que,

Em nosso sistema educacional, tudo se orienta para o estudo que, na maioria dos casos, significa apenas a aquisição de conhecimentos. No entanto, bem sabemos que o simples conhecimento não é suficiente para nos fazer feliz. A educação unilateral, em que se dá a máxima importância à acumulação do saber, tem descuidado de muitas coisas também importantes, de que as crianças necessitam para se adaptarem, adequadamente, ao mundo. As manifestações artísticas, iniciadas nos primeiros anos de vida, podem significar para nossos filhos, a diferença que existe entre indivíduos adaptados e felizes e outros que, apesar de toda a capacidade, continuam, às vezes, desequilibrados e encontram dificuldades em suas relações com o próprio ambiente.

Se a criança é um ser que preza a alegria, é justo que tenha atividades também em um ambiente alegre. Korczak (1980, p. 33) fala de uma escola onde

[...] tudo era severo e monótono. Nada era permitido. Uma escola tão inóspita, fria e sufocante que quando me acontecia, mais tarde, sonhar com ela, eu acordava sempre suado, e feliz de ver que tinha sido um sonho, e não realidade. Acrescenta ainda que, tem uma coisa chata na escola: a gente tem que falar cientificamente, para ganhar uma boa nota, um elogio, ou mesmo uma reprimenda, mas nunca do jeito como a gente sente.

O sentimento vem de dentro e, quando a criança representa sua escola, em seus desenhos, mostra de forma alegre apenas aquilo que lhe agrada. Sejam os brinquedos do pátio, seus colegas, sua professora, o que for significativo para ela. Enquanto desenha, "coloca um sentimento instantâneo a respeito do que transpõe graficamente, ao interpretar o que observa, ao criar ou ao lembrar cenas. A imaginação é gerada pela capacidade de relacionar e de estabelecer combinações de tais imagens, incorporando o sentimento ao processo do pensamento" (SANS, 1994, p. 48).

As relações afetivas da criança com a escola podem ser agradáveis e produtivas, quando a escola vê a criança por inteiro, e não apenas pelo aspecto cognitivo. As atividades artísticas têm a função de tornar esse relacionamento harmonioso e alegre e, conseqüentemente, mais produtivo. De acordo com Wadsworth (1992, p. 23), "o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento. Ele pode determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará".

Quando a criança não se adapta à professora e/ou às normas da escola, tende a achá-la chata. O aprendizado torna-se difícil e cansativo. Ir para a escola torna-se uma aventura desgastante e aborrecida. A obrigação imposta pela família é cumprida com desagrado. Em desenhos feitos por crianças nessas situações, a escola foi retratada como sendo uma prisão ou um castelo de horrores, em cores escuras e tristes.

À escola cabe oferecer o que é melhor, para o desenvolvimento da criança, não o que é considerado correto para seus administradores, mas que vai contra a natureza infantil.

Considerações Finais

O desenho é um meio de expressão que o ser humano possui. Mais desenvolvido em uns que em outros, de acordo com as oportunidades que lhes foram oferecidas no meio familiar e no meio escolar.

Ao desenhar, a criança elabora seu pensamento. Expressa sua visão do mundo e descobre o novo, através do já conhecido e de suas criações. A alegria ou a tristeza são mostradas graficamente, quando oralmente é mais difícil. Sentimento e razão estão ligados em linha direta.

É preciso saber ver, no desenho da criança, suas necessidades e preocupações, para que o papel do educador seja exercido de maneira mais coerente com o sentimento infantil. Sentimento esse que, às vezes, só se consegue expressar através da imagem.

Referências

BARROS, Célia S. G. **Pontos de psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 1993. 213 p.

BRAGA, Joseph e Laurie. **A criança e nós**. São Paulo: Saraiva, 1978. 184 p.

CARDOSO, Camilo; VALSASSINA, M. Manuela. **Arte infantil** - linguagem plástica. Lisboa: Presença, 1988. 134 p.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho** - desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989. 239 p.

DI LEO, Joseph H. **A interpretação do desenho infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 218 p.

KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança**. São Paulo: Summus, 1980. 155 p.

LERNER, Léa. **Criança também é gente**. Rio de Janeiro: Bloch, 1988. 200 p.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977. 232 p.

MÈREDIEU, Florence de. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 1991. 116 p.

PERNETTA, César. **Amor e liberdade na educação da criança**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. 168 p.

SALVADOR, Ana. **Conhecer a criança através do desenho**. Porto: Editora Porto, 1988. 79 p.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **A criança e o artista**. Campinas: Papirus, 1994.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. São Paulo: Pioneira, 1992. 212 p.

1- Artigo publicado originalmente no Caderno de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação – UFES, Ano II, n. 3, Jun. 1996.

2- Adalvo da Paixão A. Costa é Arte-Educador, doutorando em Educação.

E-mail: adalvocosta@terra.com.br

adalvocosta@gmail.com